

Machado de Assis: Teoria literária e leitor - modelo na demiurgia lingüística

Machado de Assis: Literary Theory and model - reader in linguistic demiurge

Orlando Antunes Batista

Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo

Resumo

No ano do centenário da morte de Machado de Assis julgamos importante retomar as discussões sobre a classificação do autor dentro da Literatura Brasileira. O ensaio discute a presença de indícios que demonstram as distorções estéticas que pairam sobre os críticos literários e autores de livros didáticos. A marginalização de Machadinho não tem razão de ser e os preconceitos sobre os textos podem ser destruídos a qualquer momento. No caso d' *O enfermeiro*, a discussão sobre a relação entre a Bíblia sagrada e o texto do autor brasileiro se retoma a antiga proposição da teoria literária onde o mito de interesse alimentaria o desenvolvimento de novas formas estéticas. Nem sempre a teoria da literária fornece informações sobre a conduta a ser exercida pelo leitor e o fracasso na compreensão passa a ser um produto impregnado de incoerências. Destacaremos ainda o valor da obra *Várias histórias* (1896) enquanto um núcleo simbólico da trajetória de Machado de Assis, abrindo, assim, novas veredas para futuras hermenêuticas.

Palavras-chave: Teoria literária. Literatura Brasileira. Teoria da recepção. Teoria da leitura.

Abstract

In the year of the centenary of the death of Machado de Assis deem important to resume the discussions on the classification of the author in the Brazilian Literature. The test discusses the presence of evidence that shows the distortions aesthetic that hover on the literary critics and authors of textbooks. The marginalization of Machadinho has no reason to be and the prejudices on the texts can be destroyed at any time. In the case d 'The nurse, the discussion on the relationship between the Bible and the sacred text of the Brazilian author takes up where the old proposition of literary theory where the myth of food interest the development of new aesthetic forms. Not

always the theory of literary provides information on the conduct to be exercised by the reader in understanding and failure becomes a product impregnated with inconsistencies. We will detached the value of the work *Several stories* (1896) as a symbolic nucleus of the trajectory of Machado de Assis, hence open up new paths for future hermeneutic.

Keyword: Literary theory. Brazilian Literature. Theory of receipt. Theory of reading.

Introdução

Como o barro está nas mãos do oleiro,
Que o amolda e o dispõe,
Dando-lhe todas as formas que deseja,
Assim é o homem na mão de quem o criou,
E que lhe retribuirá segundo o seu juízo.
Eclesiástico: 33,13-14

1. O texto e o leitor

A sabedoria do escriba lhe vem no tempo de lazer.
Aquele que pouco se agita adquirirá sabedoria.
Eclesiástico: 38,25

Durante a constituição do ato de leitura literária necessitamos de estabelecer um confronto entre os tipos de textos e os tipos de leitores e para discutir a questão da possibilidade de se obter uma teoria sobre o ato de leitura selecionamos o conto *O enfermeiro* (In- *Várias histórias*, 1896) de Machado de Assis.

Partimos do ponto de vista de que a partir de 1873, Machado de Assis já está de posse do virtuosismo literário, pelo modo de catalogar suas obras posteriormente em obras ironicamente intituladas de *Várias histórias* (1896), onde encontramos com o texto *O enfermeiro* integrado entre dezesseis contos. Posteriormente, iriam surgir as obras

Papéis avulsos (1882) e Histórias sem data (1896).

Em se tratando de um texto controvertido para a crítica literária tentamos ilustrar o contexto onde a consciência do leitor deve atuar. Inicialmente, ordenamos as pragas que afligiriam, via de regra, o comportamento do leitor.

Frisamos que entre o espaço entre o leitor comum e o leitor modelo devem ocupar no ato de leitura se projetam as dez pragas (Batista, Saberes para a educação do futuro, 2005) criando vícios no processo de formação do leitor. Esta submissão do leitor a um comportamento incorreto provocaria a construção do ato de leitura de maneira inconsistente e que poderia tornar esta análise, à primeira vista, um tanto desprovida de sentido.

Eis aqui as pragas: 1 - cobra: o leitor tem pudor ou medo de abordar semioticamente o signo; 2- sangue: adentrar o texto de modo inconseqüente; 3- rã: o leitor salta de um lado para o outro no texto; 4- mosquito: ter receio de olhar o valor simbólico da imagem; 5 - moscas: o leitor se fixa num único ponto de leitura; 6- peste: a percepção do leitor não consegue se livrar da dependência do questionário; 7- chuva de pedras: joga o leitor precipitadamente a emoção e atinge o texto aleatoriamente; 8- gafanhoto: a consciência do leitor enfileira os significados na ordem da paráfrase do texto; 9 - trevas: não consegue o leitor descobrir um eixo de leitura para obter a compreensão no texto; 10 - morte dos primogênitos: o leitor implode a interação com o texto por escolher uma impressão de leitura como verdadeira; 11- Páscoa da leitura: só acontece com o uso de um ritual pelo leitor centrado no protocolo de leitura que privilegia, por sua vez, a seleção de um eixo de interpretação.

Partindo do conceito de ‘pragas do leitor’, aventuramos na seguinte hipótese de leitura: em que sentido a Bíblia Sagrada poderia ter motivado Machado de Assis a escrever o conto O enfermeiro? Apoiamo-nos, de início, nas palavras de D. Hugo Bressane de Araújo (O aspecto religioso da obra de Machado de Assis, 1978:

Machado de Assis buscou nas Escrituras, como em Dante e Shakespeare, belezas literárias e usava com frequência de reminiscências, episódios ou versículos do livro santo como roupagem elegante dos humorismos e de lirismo que aos milhares lhe marchetam os livros.

Ressalte-se que D. Hugo Bressane de Araujo não faz menção ao conto O enfermeiro e de suas relações com a Bíblia.

2. Teoria literária

No início de nossa formação de leitor encontramos referência à conceituação de personagens dentro da tipologia de planos e redondos (Forster, 1922). Logo em seguida observamos que aparecia uma visão sobre a motivação estética (Formalistas russos, 1925), que ampliava a rígida divisão da teoria americana. Posteriormente, nos deparamos com o conceito de nomes falantes, organizado primeiramente por Roland Barthes (Proust e os nomes, Paris, 1969) e depois adotado pela Lingüística (Dicionário de narratologia, 1980). A partir deste conceito de nome falante que pretendemos revolver a estrutura narrativa de O enfermeiro para atualizar o valor dessa narrativa no contexto obra machadiana dentro de princípios críticos mais científicos e demonstrar que se trata o texto O enfermeiro de uma obra prima para a literatura universal.

Todo texto deveria proporcionar uma experiência pelo ato de leitura. No entanto, essa atividade não é cobrada por ninguém e o leitor não tem nenhuma preocupação com uma explicação sobre o texto e, quando o faz, não expõe provas de que realmente compreendeu o texto. Outro dado importante que apresentamos situa-se dentro do grau de compreensão obtido pelo leitor e que precisaria ser medido dentro de uma síntese. De que modo inserir uma síntese, enquanto Compreensão, se a obrigação de um texto seria a de camuflar sempre um veneno sutil, tal qual previu Vigostki na obra Psicologia da arte?

O conflito entre as subjetividades do autor e do leitor preponderam sobre a construção do ato de leitura e nem sempre o Sentido aparece de forma nítida na concretização do ato de leitura. A vagância entre os pontos de indeterminação é tanta que a consciência do leitor não consegue apreender os pontos que poderiam ser elementos a serem conectados para a construção de uma síntese.

Via de regra, a teoria literária se afasta do problema da motivação estética quando não atenta para o fato de que se não existe texto puro também não deveria existir um texto distante do outro. Assim, nos propomos a mostrar que os dezesseis contos de Várias Histórias compõem, na realidade, um projeto estético cuja definição seria explicada por este verbete contido em Dicionário de Símbolo e que tem esta organização: Este número, múltiplo de quatro, indica a realização da força material. Enquanto tal, toma também uma força moral perigosa, a

da exaltação de um orgulho, de uma vontade de poder sem controle: Jacob Boheme designa, através desse número, o oposto ao Nirvana. A valoração do conto O enfermeiro aparece mais consolidada quando tem, ainda, o valor da multiplicação da vicissitude e do renascimento.

3. Os mandamentos e a consciência do leitor

Bem sabemos que a leitura depende do comportamento da consciência do leitor e para que haja uma educação da consciência do leitor necessita ela de um conjunto de regras estabelecidas sob o rótulo de mandamentos do leitor. Se nem os mandamentos religiosos na maioria das vezes não são respeitados imaginem o que se poderia dizer a respeito dos mandamentos literários.

As dificuldades para a análise de um texto literário se encontram no comportamento do leitor que é muito exigido na teoria e pouco cumprido na prática pela maioria dos analistas de textos literários. O que mais tem predominado sobre a visão de um texto é o impressionismo, provocado, na maioria das vezes, pela má formação lingüística do leitor e pelo receio dele em tentar romper os padrões anteriormente estabelecidos pela História da Literatura e crítica literária. Assim, temos, nesse contexto, o conto ora analisado observado enquanto um dos mais marginalizados em antologias e livros didáticos.

De que modo representar a produção de conhecimento extraída de um texto, eis o ângulo que nem sempre é considerado quando se trata da construção de um ato de leitura. Representar a concretização nos parece um momento importante para frisar até que ponto o leitor conseguiu apalpar a consciência de vida, segundo conceito de Roman Ingarden, existente no texto, enquanto comportamento para projetar uma Forma, reveladora de que a compreensão esteve presente no texto e extraiu um conhecimento portentoso e singularmente definidor do perfil do leitor.

4. Não existe texto puro

No caso do eixo de nossa leitura literária pretendemos avançar na análise questão da teoria da influência textual (Harold Bloom, *A angústia da influência*: 1974) e na teoria da intertextualidade e para tanto tentaremos discutir a projeção da consciência de Machado de Assis agindo dentro do conceito de mito de interesse (Northrop Frye, 1969) ao observar de que modo Machado de Assis

veio, ironicamente, provocar uma re-análise das bem-aventuranças contidas na Bíblia e de outros mitos nela instalados.

Para que uma compreensão do texto seja instalada exige-se que o leitor apresente um poder de análise oriundo de uma consciência lingüística que não respeite fronteiras e procure adentrar um limite abissal na estrutura profunda dessa obra de arte machadiana. Uma vez que não existe texto puro e que o texto tem de depender sempre doutro texto, nada mais natural do que se propugnar também a usar as mesmas imagens que aparecem no discurso de um texto para tentar compreendê-lo. Assim, o emprego de Cores, Figuras e Símbolos nos parece ser um modo natural de agir para lutar pela compreensão do que existe no emaranhado de uma massa verbal denominada de discurso.

5. A questão da consciência e a consciência de vida no texto

N'O enfermeiro visualizamos Machado de Assis lutando para conquistar um espaço dentro da Literatura Brasileira e para afirmar o grau de sua nacionalidade literária, ainda em pleno Império, vem o autor colocar em crise uma suma religiosa intitulada de Bíblia Sagrada. Observemos que o escritor brasileiro procura caracterizar de forma magistral a função do texto literário destinado a ser um espaço de discussão e revisão de valores, enquanto a História da Literatura Brasileira ainda insiste em dividir a produção machadiana em duas fases.

Pelo nosso eixo de leitura, centrado apenas no plano onomástico, procuramos discutir a teoria literária e o papel do próprio professor quando se serve da Literatura para analisar valores existenciais dentro do discurso literário (Batista, 2005).

Pretendemos mostrar na análise que a partir apenas de dois nomes de personagens o nosso Machadinho, como era ironicamente chamado pela crítica literária de seu tempo, estabelece uma luta entre o que se poderia chamar simplesmente de inspiração e transpiração intelectual. Na realidade, há que se dizer que O enfermeiro é o produto da fusão de experiências realizadas anteriormente pelo escritor.

Para a determinação do que denominamos de consciência de vida nos servimos do apoio oferecido por Roman Ingarden (*A obra de arte literária*, 1930, capítulo 13) e curiosamente denominado de A vida a obra literária e

que, sob o nosso ponto de vista só poderia a Vida exposta no texto ser apreendida se o leitor estivesse de posse de um protocolo de leitura onde esteja circunscrita nele uma fase denominada por nós, curiosamente, de consciência de vida (Batista, 2005) e que culminaria com a epifania do Sentido através de uma síntese semiótica.

Neste momento da análise caberia a inserção da questão biográfica de Machado de Assis que anota em si o fato de que esse autor foi sacristão enquanto que Procópio havia sido 'copista'. Não fosse somente este detalhe e a pura coincidência seria uma dedução natural e, no entanto, temos espaço para propor outra analogia onde se vê a ascensão gradativa de Machado ao sair da origem pobre e atingir o cume da evolução social ao se tornar escritor e Presidente da Academia Brasileira de Letras.

Uma vez que não existe texto puro, procuramos as raízes do texto O enfermeiro e detectamos que a estrutura de Procópio (Iaiá Garcia, 1878), José (Nem uma nem outra, In – Contos fluminenses, 1870) Gomes (O segredo de Augusta, In - Contos fluminenses, 1870) e Valongo passam a estabelecer um novo conceito de produtividade textual onde a personagem se vê diante do número quatro, organizador do nome falante que multiplicado por si mesmo daria o número dezesseis, correspondente ao número de contos. Vê-se que O enfermeiro se torna o digladio da Mente contra si mesma ao desejar construir simbolicamente uma Torre de Babel onde se diluíssem as humanas dúvidas com relação à Verdade. O Silêncio, não percebido pela pobreza mental leitor, estabeleceria muros e dele a Torre nasce e procura elevar a alma até a Deus.

6. A construção do ato de leitura

Vamos nos servir da visão de Tzvetan Todorov (Os gêneros literários, 1978) para agir hermenêuticamente dentro do discurso, utilizando-se dos conceitos de narrativa do autor, imaginário do autor, imaginário do leitor e narrativa do leitor.

No conceito de imaginário do autor devemos projetar as crenças admitidas e as que devem ser questionadas. Desse conflito é que se propõe a análise a perscrutar a psique de Machado através de uma pormenorizada sondagem.

O direito do leitor seria o de possui um imaginário organizado teoricamente para que o mundo da leitura fosse vivenciado num espaço onde as contradições estabelecidas dentro da má sistematização de conceitos e princípios existentes na teoria literária fossem dissipadas.

Os estudiosos do fenômeno lingüístico ainda não se deram conta de que a teoria pode ser falível e sendo os experimentos no campo da leitura escassos o que vamos apresentar, enquanto construção e concretização, pareceria, à primeira vista, no mínimo rotulado de absurdo.

De que modo estabelecer o mínimo de intersecção exigido por Antoine Compagnon (O demônio da teoria, 2001) dentro da consideração do ato de leitura como tarefa aberta e visto como um teste instrutivo para o leitor?

Caracterizamos o texto O enfermeiro enquanto o nono texto e o valorizaremos enquanto imagem de Plenitude, onde a Mente procuraria uma análise completa e portadora dos significados de solidariedade cósmica e de redenção que tem consciência de que após um fim, ocorrido no texto, acontecerá um reinício, a ser provocado talvez com o surgimento de Memória Póstumas de Brás Cubas.

Desenvolvimento

1. Quem é quem na ciranda da vida

Tristeza vale mais do que riso,
Porque a tristeza do semblante é boa
Para o coração.

Eclesiastes: 7,1

Machado de Assis pretende criticar as relações humanas e lutando por ultrapassar a visão que Honoré de Balzac inseria em suas obras literárias. Nesse sentido, cabe-nos a responsabilidade de mostrar a necessidade do leitor possuir uma formação lingüística do mais elevado grau para apreender o que se encontra na região abissal do texto e, contrariando o que a maioria dos críticos tem feito a respeito da obra machadiana (Batista, 1989, inédito), ao partir do todo para as partes, optamos por iniciar a análise indo das partes para a compreensão do todo.

Do choque entre os nomes Felisberto e Procópio José Gomes Valongo retiramos os valores para construção do nosso ato de leitura. Existe um cruzamento de valores semióticos entre estes nomes, que se estabeleceria desta forma:

FE	LIS	BER	TO
PROCÓPIO	JOSÉ	GOMES	VALONGO

Para o leitor ingênuo e até para a crítica literária o texto ronda o campo de ser rotulado na categoria de conto fantástico ou absurdo. No entanto, para o leitor modelo, o texto tem um fundamento lingüístico que só poderia ser encontrado através de pormenorizado levantamento de detalhes, surgido pela inserção do pensamento matemático na análise. Este tipo de ação levaria o leitor a atentar também para as personagens que não possuem nome e tentar compor um raciocínio de precisão na análise.

Nesta fase do ato de leitura mostramos que a estrutura onomástica dos dois personagens possui quatro partes. Aqui, a despeito da descrença do leitor ingênuo, a heurística de probabilidade relativa entra em ação e impulsiona o horizonte lingüístico existente no texto para um campo de conjecturas mais sólidas, a serem retomadas mais adiante em nossa análise.

A relação entre fragmentos do texto e da biografia de Machado de Assis mostra o texto O enfermeiro de espaço para reflexão sobre o fato de que Procópio é ajudado por um anjo da guarda e biograficamente podemos considerar Maria José de Mendonça Barroso, a ‘madrinha’ enquanto um dos guias da trajetória existencial do mulatinho, como foi considerado por Renard Perez. Seria apenas coincidência o fato de que Procópio possuía um José na sua estrutura nominal?

1.1. O plano onomástico

A construção da obra, enquanto resultado de soma de experiências anteriores, mostra o ardid criado por Machado de Assis em O enfermeiro. Procópio tem em sua etimologia o significado de ‘o que prospera’ e Felisberto ‘o que tem idéias brilhantes’. A partir desta constatação semântica o jogo no ato de leitura pode ser iniciado, sob pena de ocorrer confusão entre as consciências do narrador, narratário e o próprio leitor ser enviado para um labirinto de significados e atingir uma dispersão.

Pela questão do emprego da intuição, inserida na quarta fase de nosso protocolo de leitura, conseguimos ultrapassar a fase da emoção e de julgar, impressionisticamente, o conto O enfermeiro e deixar de seguir até as opiniões da crítica literária e da própria História da literatura brasileira. O método de leitura, usando a intuição, nos levaria a usar as matrizes onomásticas para ultrapassar também a fase do sentimento e ir pela fase da inteligência ao encontro de outras justificativas para a determinação

do valor de uma obra de arte.

Ao nos propormos a analisar o texto pela estrutura onomástica verificaremos que a fase da espiritualidade se torna mais concreta dentro da experiência da leitura. Desse modo, fomos nos orientando até atingirmos a fase da vontade, quando a determinação do horizonte de leitura ia se tornando cada vez mais fácil. Embora Roman Ingarden conceitue o ato de leitura como uma fantasia (A obra de arte literária, terceira parte, capítulo 13, parágrafo 63,4) poderemos afirmar que ela não é inerente somente aos textos verbais e poderia ser extraída dos discursos teatral e cinematográfico.

Desde 1930, a questão da estrutura tem perturbado o andamento da construção dos manuais de teoria literária e raramente a vivência desse conceito aparece em estudos literários. Para discutir a diferença entre modo ‘errado de ler’ e atitude original’ (Ingarden, op. cit., capítulo 13, parágrafo 64) a análise nos levou a pesquisar uma maneira de projetar uma estrutura ou mecânica das idéias pelo uso do protocolo de leitura.

Cite-se, no decorrer desta análise um outro fato que associado a outros de índole biográfica demonstra que as coincidências vão aumentando entre Texto e Autobiografia porque com o falecimento de Manuel Antonio de Almeida, em 1861, foi rezada uma missa, tal qual aparece ela mencionada no conto O enfermeiro. Descarte-se a pura analogia porque o conto foi escrito em 1873.

1.2.1. Sempre há um ponto de partida

A análise do plano onomástico de Felisberto provoca a descoberta de uma ambigüidade para o nome desse personagem. Há a superposição de ‘Fel’ e ‘Feliz’ na primeira sílaba e ainda daria a oportunidade de uma terceira alusão de significado, lendo dentro do conceito de terceiridade o sentido de ‘cinza’ através da paronomásia entre ‘lis’ e ‘lix’ e o de ‘lis’ com ‘flor de lis’.

Não seria descabido de nossa parte afirmar que, com relação à metáfora ‘flor de lis’, caberia um relacionamento com o provérbio ‘não é flor que se cheire’, pertinente ao controverso comportamento de Felisberto dentro do texto.

A missão desse personagem no texto deve ser cumprida a qualquer custo e as peripécias vivenciadas por Procópio demonstram que na primeira sílaba de Felisberto ainda seria possível encontrar o sentido de ‘Fé’, que estaria,

por sua vez, aliado às virtudes teológicas da Esperança e Caridade.

No conjunto do plano onomástico de Felisberto encontraríamos também o produto alcançado pela existência do personagem, revelando-o simultaneamente ‘Feliz’ e ‘liberto’ por ter cumprido o seu Destino, ainda que escrito por linhas tortas. Se fossemos pela análise do ícone presente na letra F diríamos que a relação entre Céu e Terra está na linha reta I e a confusão do destino de Felisberto está nas duas linhas horizontais que formam a letra inicial de seu pré-nome. Opondo-se a esta dispersão de forças temos na letra P do nome do enfermeiro a relação Céu e Terra e no círculo o aprisionamento de tudo aquilo que saiu das mãos de Felisberto e passou para a de Procópio.

Partindo da análise da Letra na estrutura nominal das personagens, não deixamos em nenhum momento de agir contra a teoria literária visto que o próprio Roman Ingarden recomenda que o leitor observe e escolha os pontos de indeterminação que estão difusos na massa verbal do discurso.

O conto O enfermeiro nos parece ser um ponto interessante na trajetória de Machado de Assis porque entre 1867 e 1873 ‘dificuldades financeiras’ continuaram afligindo o homem que havia nascido na pobreza, em 1839. Vejamos este trecho do Esboço biográfico, de Renard Perez:

“Vinha, pois, de São Cristóvão diretamente para a velha igreja, ajudava a missa, embolsava a pequena espórtula que lhe assegurava o pão de cada dia – conjetura sua biografia.”

Seria o texto O enfermeiro um exemplar de sua conduta diante das pseudo -autobiografia que costumava exercitar no decorrer de suas obras, tais como Memórias Póstumas, Memorial de Aires, Dom Casmurro?

1.2.3. No fluxo do Caos

Quanto ao papel representado por Procópio temos a esclarecer que na primeira sílaba encontramos em ‘Pró’ o sentido de ‘favorecimento’, ‘a favor’. Na segunda sílaba, ‘cópio’, detectamos nessa partícula o trabalho de ‘copista’ e pelo desmembramento dela percebemos a unidade ‘pio’, indiciando a imagem de ‘piedoso’, a ser exercitada quando a personagem atua enquanto enfermeiro de Felisberto. A sagacidade argumentativa de Machado de Assis aparece quando em José vislumbramos duas sílabas

representando passagens do conto. Em ‘Jo’ surge uma alusão a Jó, projetado no sofrimento de Procópio diante das agruras proporcionadas pelo Destino, antes e depois da morte de Felisberto. Na segunda sílaba ‘se’/‘zé’ surge a idéia de anonimato, estabelecida antes do encontro com o primeiro padre.

Outro exemplo, agora desmembrado da riqueza semântica diluída dentro do texto, surge quando encontramos em Valongo as imagens de Tempo e Espaço a serem percorridas durante a vida de Procópio. A separação das sílabas cria um jogo de valores aonde ‘Vá’ sugere a concepção de que o imperativo jogaria Procópio nas malhas do Destino e ‘longo’ indicaria o Futuro enquanto espaço de realização existencial. O jogo de Tempo e Espaço surge neste conto delimitado pela estrutura onomástica de Procópio José Gomes Valongo, senão vejamos:

Procópio	José	Gomes	Valongo
Água	Fogo	Terra	Ar
Fé	lix	lis	berto

À medida que procurávamos analisar o texto outros destaques surgiam em nossa mente e o fato de Procópio José Gomes Valongo ter obtido uma tranqüilidade financeira pode ser intercalado no ponto biográfico onde o salto entre pobreza e riqueza será medido em 31 de dezembro de 1873, quando Machadinho é nomeado primeiro oficial da Secretaria da Agricultura, com um nobilíssimo salário. Não foi digamos assim, um ‘vá-longe’ a comparação entre Passado e Presente do escritor.

2. O Destino escreve torto por letras certas

Meu filho, se acolheres minhas palavras
E guardares com carinho meus preceitos,
Ouvindo com atenção a sabedoria,
E inclinando teu coração para o entendimento;
Se tu apelares à penetração,
Se invocares a inteligência,
Buscando-a como se procura a prata;
Se a pesquisares como um tesouro,
Então compreenderás o temor do Senhor
E descobrirás o conhecimento de Deus,
Porque é o Senhor quem dá a sabedoria,
E de sua boca é que procedem a ciência e a prudência.

Provérbios: 2,1-6

Nesta parte da análise procuraremos extrair o comportamento da consciência lingüística de Machado de Assis, servindo-nos dos procedimentos da intuição e dedução para revelar a construção de uma forma que solidificasse a visão de uma filosofia existencial ordenada na poética machadiana.

O saber filosófico de Machado de Assis aparece no conto O enfermeiro convertendo a Terra num palco onde cada ser tem de desempenhar o seu papel. O plano da Terra corresponderia à imagem do Kosmos (significando Ordem e Beleza) e o Céu estaria significando o Panta Rhei (onde tudo flui em várias direções). Há que se observar o fato de que três padres aparecem no destino de Procópio, simbolizando o Céu. A luta entre o que há no Céu, simbolizado pelos três padres, e o que Terra, indicado pelos três gatinhos, insere nossa linha de leitura para projetar na fase da síntese a figura do hexagrama, a ser visto mais adiante em nossa análise.

O sentido de Ordem está disperso no discurso do narrador Procópio. Tem ele um amontoado de fatos que estão sendo alinhavados no seu discurso e entregues a um narratário. A dispersão das anotações sobre o Passado deixam entrever que no Futuro o narratário irá tentar decifrar o enigma, visto que o Presente permanece como um turbulento Caos. Ao leitor, concebendo-se a hipótese de que o narratário trocará opiniões com o Leitor sobre o que foi transmitido ao narratário, caberia a responsabilidade de tentar organizar a Incerteza num máximo de probabilidade possível. Há que se fazer neste momento da hermêutica textual um contraponto entre o conto Aurora sem dia (In - Contos fluminenses, 1870), onde a personagem Luís Tinoco sentia-se disperso diante das inquietudes do futuro, com a personagem Procópio onde o sobrenome

enquanto ponto nevrálgico da biografia de Machado, visto que não encontramos uma destas analogias nas biografias do escritor.

2.1. O Todo em migalhas

O simples moralista, esse sim, pode orgulhar-se da sua moralidade, do seu altruísmo, porque não conheceu nenhuma concepção mística, oriunda da alma do Universo. A moralidade é fabricação humana - a ética é uma invasão cósmica da mística.

Huberto Rodhen- Einstein- O enigma do universo, p. 139-140

O ato de ler corresponderia a um momento onde as forças da ascese, êxtase, catarse e sublimação se harmonizariam para a produção de conhecimento. Neste horizonte de leitura o movimento da consciência do leitor iria encontrar sobre a estrutura onomástica de Procópio José Gomes Valongo a projeção de sete raios, correspondendo, metaforicamente, à presença do Espírito Santo protegendo a existência do copista Procópio. Visualizamos a estrutura onomástica distribuída na tabela vocálica para confirmar as ações do enfermeiro no texto:

Pela análise numérica do nome de Procópio encontramos no plano vocálico a síntese numérica no número quatro, considerado enquanto representação da solidez e da própria obstinação que impulsiona essa personagem e faz o plano vocálico juz às quatro partes que compõem a estrutura onomástica do herói. A contradição entre Procópio e Felisberto se mostra mais evidente quando notamos que o seu plano vocálico situa-se na síntese numérica onze e que denota tensão e transgressão, por ser este um número mestre e irreduzível numa soma. O que vem sendo discutido até pela crítica textual pode ser

A	E	I	O	U
1	2	1	6	1
partida de um ponto em duas direções por um propósito vital	três direções para conflito entre seres	impulso de unificação entre seres	união entre seres	harmonia entre seres

Va-longo é o oposto de Tino-oco. O conto ora trazido à baila demonstra que o fato de em 12 de janeiro de 1861 descortinar-se o futuro promissor acentua ainda mais o poder da ficção para auto-análise e coloca O enfermeiro

usado para confirmar o nosso ato de leitura dentro de um momento de coleta/colheita entre os signos para a criação de fractais entre as unidades significativas do signo! O que proporcionamos neste ato de leitura surge apenas para

exemplo do que deveria estar sempre ocorrendo em todos os atos de leitura, para que o confronto entre texto e leitor fosse, rotineiramente, um teste para a real capacidade do escritor diante do poder da História Literária e porque não dizer da própria mídia literária!

Não seria o Padre Silveira Sarmento, Paula Brito e Manuel Antonio de Almeida os ‘três anjos da guarda’ que são citados no início do conto O enfermeiro?

2.2. O Narrador e o leitor modelo e suas batalhas pela Verdade

É ela (a Sabedoria), com efeito, mais bela que o sol
E ultrapassa o conjunto dos astros
Porque à luz sucede a noite,
Enquanto que, contra a sabedoria, o mal não
prevalece.

Sabedoria: 7,29-30

Os conflitos que são distribuídos pelo narrador ao narratário estabelecem um caos porque para cada vez mais sobre as palavras de Procópio ora uma turbulência ora uma certeza diante dos fatos acumulados no decorrer da confissão.

A imagem do Sol, contrapontada com a da Noite, vem mostrar que há a necessidade de se ter um olhar atento para ultrapassar o impressionismo do senso comum para que a verdade venha à tona. Os três gatunos, indicando a presença do mistério que para sobre os três enfermeiros, visto que, de certa forma, Felisberto tem a intuição de que Procópio vai ‘roubar’ a sua fortuna.

O estudo do texto vai, lentamente, proporcionando ao leitor-modelo a oportunidade de pensar a síntese semiótica baseando-se no quadrado, inserido nos elementos terra, água, ar e fogo e dentro dele um triângulo dividido ao meio, sendo uma parte pertencente ao Sol e outra à Noite.

O número de personagens, compondo a roda da fortuna que envolve a vida de Felisberto, será representado por um círculo, a abarcar, respectivamente, o quadrado e o triângulo dividido em duas partes.

As relações entre as proposições servem para demonstrar de que modo os símbolos se apresentam encadeados dentro do discurso de Procópio e servem também para confundir o leitor-modelo. A ambigüidade no discurso do narrador deixa entrever que o mês de agosto envolve o sentido de mau agouro e que os fatos se desenrolam a gosto do

Destino, maquiavelicamente urdido em tortas linhas!

A lógica de leitura, que pode determinar se houve a compreensão do texto, tem de ser determinada pela sinergia entre os elementos selecionados enquanto proposição para a qualificação de uma síntese diante do texto e para tanto não podemos dispensar a figuratividade enquanto momento de concretização do ato de leitura. Diante do que argumentamos, a figuratividade proposta seria esta: 1- Círculo (Sol, na cor vermelha) 2- outro Círculo, agora com as cores preto e azul; 3- Um quadrado, portando dentro de si um triângulo com ponta para cima (azul) e sendo o de baixo dividido ao meio ao meio (na cor cinza e vermelha).

Esta figuratividade procuraria ser a expressão do que se denomina estrutura no estudo de um texto e se converte na revelação da Necessidade Interior (Kandinsky, O espiritual na arte) projetada pela consciência do autor e recuperada somente pelo Leitor que apela para a Mente transformá-lo em leitor-modelo. O primeiro Círculo, com a cor vermelha significa o Sol, que esconde a Sabedoria dispersa no discurso do autor. O outro Círculo tem, na cor preta, a presença do Destino, que trama os fatos e o azul estaria a representar o infinito que os contém. O quadrado, extraído do nome de Procópio José Gomes Valongo, abarcaria o hexagrama contendo os três gatunos, na parte de baixo, estabelecendo o plano da Terra, e os três padres, na parte de cima, indiciando a parte do Céu.

Conclusão

1. Uma luta entre os tipos de textos

O ato de leitura, dentro de nossa visão teórica, nasceria a partir da concepção de que a Matemática precede o problema da Inspiração, concebida já por nós enquanto apenas Motivação.

Há que se vislumbrar o fato de que O enfermeiro, se bem analisado, poderia ser concebido enquanto um contraponto do conto A igreja do diabo. Machado de Assis se viu obrigado a pesquisar o Conhecimento na Bíblia sagrada agiu diante dela dentro de dois campos.

O primeiro, relativo à influência e o segundo, quanto à projeção da Bíblia enquanto influência de filosofia e por último, na qualidade de livro predileto. Tais proposições, elencadas por Afrânio Coutinho, vão se ajustando para que nossa releitura da obra proponha outras definições para os leitores.

Seria da Intuição o papel de verticalizar a construção do ato de leitura, ao se distribuírem os signos contendo, primariamente, as idéias. A imagem de que o texto se faz com palavras e não com idéias, seguindo as palavras de Paul Valéry, está comprovada e serve de fundamentação teórica para a formação de um leitor hermenêutico-reflexivo, isto é, aquele que luta por se transformar em leitor-modelo e, ao mesmo tempo, ajustar-se às condições semiológicas do texto.

Partindo do princípio de que a crítica estrangeira não se manifesta muito favorável à Literatura Brasileira e que a própria Literatura Brasileira luta por não emancipar valores pelo uso da História Literária, obtivemos, com a nossa exposição teórica e prática condições de superar o raro valor antológico concedido ao conto O enfermeiro e inserindo-o qual uma obra-prima no painel do conto universal.

Além de se tornar um exemplo de que modo poder-se-ia discutir um texto da magnitude da Bíblia Sagrada, Machado de Assis lança-se enquanto um modelo para os artistas que teimam em se julgarem poetas federais quando, na realidade, seriam apenas poetas municipais, tal qual a classificação proposta por Carlos Drummond de Andrade.

Temos de considerar a probabilidade do Sermão da Montanha ser o núcleo do texto O enfermeiro porque Procópio José Gomes Valongo as vivencia totalmente. A relação entre um Sermão e um Texto demonstra claramente o poder de Machado de Assis em questionar um gênero discursivo através de outro e transformar uma Parábola em Metáfora. Eis aqui o problema que tem gerado a incompreensão dos estudiosos de Machado de Assis.

Enquanto a Parábola atua 'alegoricamente', o Sermão da Montanha, contendo as bem-aventuranças, esclarece um caminho espiritual a ser percorrido de modo isolado, cabendo a cada Mente um tipo de serviço a ser prestado em favor da renovação espiritual de si e da humanidade. No caso de Procópio José Gomes Valongo, acontece a possibilidade delas estarem reunidas num único protagonista:

1- Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o reino dos céus.- Procópio tem origem humilde.

2- Bem-aventurados os mansos porque eles possuirão a

terra – Procópio recebe a herança de Felisberto.

3- Bem-aventurados os que choram porque eles serão consolados – Procópio não compreende a angústia em que mergulhou por se entregar ao Destino.

4- Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça: porque eles fartos. – Procópio não teve nenhuma culpa na morte de Felisberto.

5- Bem-aventurados os misericordiosos: porque eles alcançarão misericórdia. – Procópio atua enquanto teólogo e depois como enfermeiro.

6- Bem-aventurados os limpos de coração: porque eles verão a Deus. Felisberto sabia que, pelo plano espiritual, Procópio deveria ser o seu herdeiro.

7- Bem-aventurados os pacíficos: porque eles verão a Deus. –Procópio não tinha cometido nenhum crime e não haveria razão para o seu remorso.

8- Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça: porque deles é o reino dos céus. – Procópio não havia sido compreendido pela Sociedade porque estava apenas cumprindo um plano espiritual.

9- Bem-aventurados sois quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo a meu respeito.- Os seres humanos não compreendem a relação do ser humano e sua circunstância existencial advinda do plano celeste.

10- Folgai exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus: pois assim também perseguiram os profetas que foram antes de vós. – Não é sem razão que o sintagma 'cópio' (fatura, riqueza) aparece na estrutura nominal de Procópio José Gomes Valongo".

2. O enfermeiro seria uma aventura autobiográfica?

Há a possibilidade de se julgar O enfermeiro enquanto uma autobiografia, metaforicamente estruturada.

O personagem Procópio José Gomes Valongo tem diversas áreas para ser discutido enquanto embrião de uma autobiografia. Primeiramente, ele seria o anti-herói do conto A igreja do diabo, contido em Histórias sem data (1884), valendo como antítese das relações entre a Mente e a Igreja:

Escritura contra Escritura, breviário contra breviário.

Terei a minha missa com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas, e todo o demais aparelho eclesiástico. O meu credo será o núcleo universal dos espíritos, a minha igreja uma tenda de Abraão.

O conto O apólogo, por sua vez, seria uma espécie de tese para a síntese de O enfermeiro. A Agulha, enquanto espelho das angústias de Procópio, daria a resposta que o herói de O enfermeiro tanto procurava: Onde me espeto fico.

Machado ofereceu com o livro de contos *Várias histórias* um exemplo de instinto de nacionalidade, que tanto pregou durante sua profícua vida de escritor. Tanto isso pode se tornar verdade a partir do que usamos enquanto encerramento de nossa releitura de O enfermeiro. Ao mesmo tempo antecipou a teoria de Fernando Pessoa ao exercitar a teoria do fingimento poético.

O volume de contos *Várias histórias* se configura enquanto o primeiro volume de contos elaborado maquiavelicamente na História da literatura Brasileira. A prova de tal complexidade aparece quando encontramos uma relação absurda pelo concreto interrelacionamento dos dezesseis contos. Um passa a ser contraponto do outro. Não podemos nos esquecer que esta obra poderia ser concebida enquanto um embrião da Humanistas que vai ser exercitada em *Memórias Póstumas* e que *Quincas Borba* haveria de ser o contraponto perfeito de Procópio, visto que o primeiro tinha a Teoria e o segundo somente a Prática.

Bibliografia

ARAÚJO, D. Hugo Bressane de – O aspecto religioso na obra de Machado de Assis. S.P.: Edições Paulinas, 1978.
BATISTA, Orlando Antunes – Segredos machadianos em *Histórias da meia-noite* e *Contos fluminenses*. Prêmio Silvio Romero de Crítica Literária. Academia Brasileira de Letras. 1989. Inédito.

----- – Saberes para a educação do futuro. Educação para a leitura literária. Adamantina. Edições Omnia, 2005.

BLEICHER, Josef – *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa, Edições 70, 1980

BRONOWSKI, Jacob – *O olho visionário*. Tradução de Sérgio Bath. Brasília, Editora da UNB, 1988.

INGARDEN, Roman – *A obra de arte literária*. Tradução de Albin E. Beau. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian,

1979, 2ª. edição.

LEITE, Dante Moreira – *Psicologia e Literatura*. S.P.: Cia. Editora Nacional/Editora da USP, 1967.

MEYER, Augusto – Machado de Assis. R.J.: Presença/MEC, 1975, 3ª. edição.

MORIN, Edgar – *Sete saberes para a educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleanora F. da Silva e Jeanne Sawaia. S.P.: Cortez Editora, 1999.